MEMÓRIAS DO NOSSO LICEU
COLETÂNEA DE TESTEMUNHOS

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS
DO LICEU ANTERO DE QUENTAL

Ponta Delgada
2014
Perante a solicitação de um testemunho sobre o Liceu de Ponta Delgada, a minha primeira reação foi a de relatar, de forma romântica, os bonitos anos de juventude em que lá estudei. Redigido o 1.º parágrafo, logo percebi que estava a escrever sobre uma escola que eu idealizara. Obrigou-me a minha consciência a narrar, com verdade, o que foi o Liceu para mim e para muitos jovens do meu tempo.

No Liceu, frequentei desde o atual 3.º ciclo até ao denominado Propedéutico (12.º ano). Quando me estrei na escola, prevaleciam as turmas de género único: rapazes e raparigas separados, por portões e paredes altas, até mesmo nos intervalos. Para desagrado da sociedade de então, já havia, numa ala do Liceu, uma turma mista, a funcionar em jeito de experiência piloto, que muita curiosidade suscitava na restante população estudantil. A bata era a indumentária generalizada, o que muito agradava às famílias com poucos recursos.

Estávamos nos anos 70 do século XX. Estudavam, no Liceu, alunos das ilhas de S. Miguel e de Santa Maria. Não todos os que deviam lá estar, pela sua inteligência, mas, sim, os que provinham de famílias com posses ou aqueles cujas famílias tinham conseguido apoios ao nível do alojamento, alimentação e transportes. A Casa de S. José, para rapazes, e o Lar da Rua Margarida de Chaves, para meninas, albergaram largas centenas de jovens, provenientes de localidades fora de Ponta Delgada.

O Liceu de Ponta Delgada era um espaço de elite, onde havia lugar a manifestações, ora subtis ora explícitas, de autêntica xenofobia por parte dos alunos provenientes de famílias influentes de Ponta Delgada. Os que viviam na cidade sentiam-se, de uma forma geral, mais importantes. O tratamento dado aos alunos vindos das áreas limítrofes ou distantes da urbe era, na maior parte do tempo, de indiferença ou discriminação, quer nas aulas quer nos recreios.
Nesse tempo, os que se consideravam superiores reservavam para si próprios os melhores lugares no recreio, na cantina e na sala de convívio e eram os principais candidatos às melhores notas, mesmo quando não as mereciam. Estas eram práticas aceites por diretores, funcionários e pela quase totalidade da classe docente. Foram raras, mas muito significativas, as exceções dos docentes que tinham um tratamento igualitário junto dos seus estudantes.

Para os indivíduos das freguesias, era uma verdadeira luta pela sobrevivência estudar no Liceu. E assim foi comigo durante algum tempo, até ao dia em que resolvi agir. Fiz o que os outros faziam: comecei a falar da minha família, da quantidade de terra a perder de vista que o meu pai tinha, dos negócios da família, das viagens que fazíamos, das irmãs que estudavam no continente, das aulas que eu e as minhas irmãs frequentávamos no Conservatório, da nossa biblioteca, dos carros que tínhamos, das casas de que éramos proprietários na Maia e em Ponta Delgada, da minha mãe, que era professora, etc. Enfim, um chorrilho de verdades para conseguir o respeito que achava que merecia na pequenez dos meus doze e treze anos.

No decorrer do meu quarto ano (atual oitavo), rebentou a Revolução de Abril, a qual originou, por seu turno, uma outra revolução na escola: começaram as reuniões gerais de alunos, as recusas em ir às aulas, manifestações e comícios aos quais nos associávamos. De um dia para o outro, a população estudantil do Liceu passou a ser de esquerda. Os ricos já não queriam ser ricos, as roupas finas deram lugar a um estilo mais descontraído, perdemos as batas e passamos a conviver todos sem distinção de gênero. Quem frequentava anos com exame, na época, foi dispensado dos mesmos e os professores foram obrigados a aprovar os estudantes de todos os anos de escolaridade. Foram momentos de total anarquia no ensino e de esperança no futuro.

Havia começado a democratização do ensino no Liceu que eu frequentava e cujas aprendizagens foram muito para além dos conteúdos ministrados. Estudar no Liceu foi, de facto, uma experiência inesquecível. Mudou completamente a minha vida pelo exemplo de alguns docentes, mas, acima de tudo, por me ter ensinado que, como professora, tinha de ter uma atitude bem diferente, não permitindo, nas aulas, qualquer tipo de discriminação ou abuso. Todos os meus alunos e suas famílias foram sempre respeitados nas suas diferenças e com igualdade. Assim procedi de forma consciente, certa de que estava a defender o valor de cada ser humano. Nunca permiti que nenhum aluno ou aluna minha se sentisse na obrigação de exibir gratuitamente o que a família tinha, como eu fizera na minha pré-adolescência, como forma de encontrar a dignidade que muitos dos meus pares teimavam em roubar-me.
Maria da Graça Borges Castanho nasceu a 31 de agosto de 1960, na freguesia da Maia, em S. Miguel. É docente e investigadora da Universidade dos Açores nas áreas de Metodologia e Didática da Língua Portuguesa, bem como Curriculo e Gênero. No seu percurso, conta com os seguintes graus académicos: pós-doutoramento pela Harvard University, doutoramento pela Universidade do Minho, mestrandado pela Lesley University e licenciatura, em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores. Encontra-se presentemente a realizar, em Boston, o seu segundo pós-doutoramento sobre a Manutenção da Língua Portuguesa junto dos Judeus Sefarditas nos EUA.

A par da atividade académica e de investigação, foi Conselheira para o Ensino do Português nos EUA e Bermuda, cargo que exerceu na Embaixada de Portugal em Washington DC; Diretora Regional das Comunidades, do Governo dos Açores; Coordenadora do Plano Nacional de Leitura, a convite do Ministro da Educação; Vereadora da Cultura e Ação Social da Câmara Municipal de Ponta Delgada; Presidente da Assembleia de Freguesia da Maia, entre outras.
**FICHA TÉCNICA**

<table>
<thead>
<tr>
<th>Título</th>
<th>Memórias do Nosso Liceu</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Coletânea</td>
<td>de Testemunhos</td>
</tr>
<tr>
<td>Organização</td>
<td>Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental</td>
</tr>
<tr>
<td>Coordenação</td>
<td>José Andrade, Maria João Ruivo e João Paulo Constância</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**Ilustração da Capa**

- António Eduardo Soares de Sousa

**Fotografias do Liceu**

- José Franco

**Edição**

- Letras Lavadas, Edições

**Março, 2014**

**Impressão**

- Nova Gráfica, Lda.

**Tiragem**

- 200 exemplares

**Depósito Legal**

- 372306/14

**ISBN**

- 978-989-735-050-4